

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 533 TRINDADE
Oficinas de Impressão e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2298

DIÁRIO DA MANHÃ



Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluíndo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 70\$00; Estrangeiro, 6 meses 110\$00.

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SEGUNDA FEIRA, 31 DE MAIO DE 1926

A BATALHA

A CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO toma a sua posição em face dos últimos acontecimentos insurrecionais na seguinte nota oficiosa

A Confederação Geral do Trabalho Portuguesa cumprindo um dever neste momento vindo a público fazer francas e categóricas declarações, no intuito de marcar uma posição em face dos actuais acontecimentos.

Desde sempre a acção da Confederação Geral do Trabalho foi estranha a quaisquer movimentos de ordem política, qualquer que seja o partido ou facção que nos mesmos esteja envolvida.

Fiel ao espírito das suas bases orgânicas, como expressão dos organismos que a constituem; fiel às aspirações e interesses do proletariado português consignados nas resoluções dos seus congressos nacionais; fiel ao espírito da luta de classes sociais, essencialmente anti-autoritário, profundamente libertário e emancipador; e tendo em atenção a obra opressiva de todos os governos do Estado, como mandatários que são do capitalismo—a Confederação Geral do Trabalho não podia estar neutra em face do governo que acaba de ser forçado a demitir-se e por isso o combateu.

Mas, pelas supracitadas razões, a C. G. T. também podia colocar-se ao lado, colaborar, directa ou indirectamente, com as forças políticas que lhes eram adversas, e, consequentemente não poderia intervir na acção que determinou a sua queda.

Se outras razões não existissem para manter firmemente esta atitude, o facto de se vir insistente anunciar a eclosão dum movimento nacionalista de carácter reacionário e militarista, qualquer coisa parodiada com o «fascismo», e a circunstância deste movimento ser inicialmente militar bastariam para determinar no proletariado uma posição de desconfiança e portanto de defesa.

Certas circunstâncias, de resto, justificam esta altitude. O número 1.º do Programa Revolucionário anuncia uma remodelação na Constituição da República.

Não diz, porém, em que sentido sera feita essa remodelação.

Por detrás dessa remodelação não estará um ceramento de liberdades, colectivas e individuais?

Sendo essencialmente estranhos às fícções democráticas de qualquer constituição política, porque se regem os Estados, nós consideramos, entretanto, que uma Constituição bem poderá consubstanciar a soma de conquistas liberais e democráticas dos povos que as aceitam.

Consideramos ainda que o funcionamento regular e inofensável dum Constituição francamente democrática consiste na sua interpretação, animada dum franco espírito racional, humano e progressivo, por parte dos elementos que as circunstâncias do presente momento histórico colocam na direção colectiva dos povos.

A C. G. T., organismo essencialmente de luta económica, não pode, entretanto, ser estranha a esta questão. Considera que a questão social não se basa apenas na luta pela conquista do mais pão, no lato sentido da palavra; mas, muito particularmente na luta pela conquista da liberdade.

Pão e Liberdade—éis o lema da Confederação Geral do Trabalho.

Quaisquer que sejam as medidas do novo governo no sentido de cercear direitos ou liberdades adquiridas, serão com o, regeitadas pela C. G. T., porque vêm ferir em pleno peito o proletariado, que, dentro ou à margem da luta de classes sociais, tem vertido o seu sangue para as conquistar.

A C. G. T. não esconde a sua preocupação quanto a diferentes declarações feitas por caudilhos do actual movimento, declarações que, se não estão consignadas no manifesto-programa: *Pela Pátria e pela República*.

Do exposto pode concluir-se qual será o futuro que está reservado ao povo, e particularmente ao proletariado, no caso de, com o triunfo das forças militares, vingarem aqueles objectivos.

pública da Junta Revolucionária, revelam claramente o pensamento que animará aquela acção no mesmo manifesto enunciada.

São transparentes as declarações do general sr. Gomes da Costa quanto às reformas sociais para o proletariado, quando repele o que classifica de «retórica dos comícios». Nós vemos por detrás de tais palavras o cerceamento da liberdade de reunião e de expressão do pensamento pela palavra e uma habilidade tendente a uma colaboração de classes, desmoralizadora e destinada a amortecer as energias vitais do proletariado animado de espírito revolucionário.

E, numa espécie de complemento daquela acção retrogradante, a promessa de assegurar a personalidade jurídica da Igreja e o ensino religioso nas escolas particulares, é também sintomática.

O sentido em que serão executadas as medidas constantes do número 6.º do programa revolucionário quanto à «reforma e sistematização dos métodos de ensino e educação», está claramente posta naquelas declarações.

E assim verifica-se que, depois da sempre crescente liberdade que ao clero tem sido dada para as suas manifestações religiosas públicas; depois da liberdade que ao mesmo tempo tem sido dada para o exercício do catecismo, dentro e fora da Igreja, a liberdade do ensino religioso e o reconhecimento jurídico da Igreja, constituem o resto das armas de que esta carece para completar a obra de embrutecimento e escravidão do povo.

Do exposto pode concluir-se qual será o futuro que está reservado ao povo, e particularmente ao proletariado, no caso de, com o triunfo das forças militares, vingarem aqueles objectivos.

Com um governo ditatorial militar ou com um governo nacionalista animado de pensamentos conservadores e retrogrados, a perspectiva que se apresenta é de molde a colocar na posição de alerta as forças do proletariado organizado e que conscientemente pretende caminhar por uma senda emancipadora e progressiva.

A C. G. T., enquanto os factos não demonstram claramente o erro desta previsão, declara que, aceitando violentada a imposição dum governo ditatorial, militarista ou civil, com tais predisposições, estará em franca oposição ao mesmo e contra ele lutará com todos os meios de que possa dispor.

A C. G. T., colocando por este meio o proletariado de sôbre-aviso, exorta o mesmo a conservar-se atento, prevenindo-se para a eventualidade dum assalto à satisfação mais activa na defesa da liberdade em todas as suas manifestações, liberdade mais do que nunca ameaçada sob o pretexto da salvação nacional.

O «riverismo» na Espanha e o «fascismo» na Itália e noutras países; as truculências, vexames e perseguições que os governos representativos daquelas modalidades ditatoriais têm determinado, o sangue que têm feito correr, as vítimas que têm causado, são outros tantos motivos, e todos de sobra, para uma prevenção rigorosa do proletariado contra a eventualidade dum governo animado do mesmo pensamento e da mesma vontade.

E se os partidos chamados da «esquerda política» têm motivos para se defenderem dentro dos próprios democráticos, mais fortes motivos tem o proletariado, por isso que, sendo mais humanas as suas aspirações e mais racional, mais profunda e liberal a sua ação, maior será a reacção das forças conservadoras contra si.

Alerta, pois, trabalhadores!

Abaixo a ditadura!

Viva a Liberdade!

Lisboa, 30 de Maio de 1926.

A C. G. T.

Não fazemos fretes aos partidos derrotados! Não intervimos na luta entre êles e os militares! Não consentimos que, a pretexto de se esmagar o partido democrático, nos esmaguem a nós!

A altitude da Confederação Geral do Trabalho, traçada de há muito pela *Batalha*, seu órgão na imprensa, mantém-se hoje, enquanto os factos não determinarem mudança da sua directriz.

A nota oficiosa que no presente número se publica não pode ser mais clara. Escrivemos no nosso número de sábado, e o que escrevemos tem ainda mesma actualidade:

«Esta atenção, (atenção do proletariado para os acontecimentos) ou melhor esta prevenção contra qualquer cilada não deve ser platônica. Se os que veem, os que querem alcançar o poder, se limitarem a ajustar as suas contas com o partido democrático, nós continuaremos como até agora a assistir ao espetáculo; se, porém, qualquer das escassas e justas liberdades que o povo trabalhador gosta de ameaçada—interviremos. Mas a nossa intervenção será ainda de carácter operário, sem intuições políticas. É para a defesa dessas liberdades e regalias que o proletariado de todo o país, nesta hora de expectativa, deve estar preparado e atento. E nada mais...»

O proletariado não quer deixar-se intriga pelas manobras dos partidos políticos. Estes, que nunca se preocuparam a sério com as regalias justas reivindicadas pelo operariado, não tem o direito de nos pretender lançar num confuso movimento que não tem outro objectivo senão restituír-lhes a gama de lhes foi retirada.

Conservamo-nos astados dos partidos políticos, que não nos têm a menor confiança, como nos conservamos arredados do movi-

mento militar que não se sabe ainda afeição definitiva que tomará, dada a disparidade de tendências que entre os seus dirigentes se verifica.

Nunca, como neste momento, o proletariado deve estar atento, disposto a defender-se se porventura o atacarem. Mas também deve ter muito cuidado em não se confundir nos seus movimentos de defesa de classe, em harmonia com os seus princípios de luta de classes, com as zaragatas que os homens do partido democrático, desapossados de boas postas, pretendam fazer para dar-se de terem um apoio que o proletariado nunca dará.

Examinada a situação presente com a serenidade que nos dá o facto de não termos entrado na contenda, temos a impressão de que os militares triunfantes estão divididos em duas grandes tendências: uma, na qual se distingue o general Gomes da Costa, que pretende a todo o transcurso a formação dum governo rigidamente militar e intolerante, outra, a do comandante Mendes Cabeçadas, que deseja apenas arrancar o poder das mãos das clientelas políticas e governar com civis exceptuários.

O facto de existirem estas tendências indica que, a pesar da derrota do partido democrático, a luta não terminou por quanto o vencedor não está unido nos mesmos pontos de vista.

As afirmações arrogantes do general Gomes da Costa, exteriorizando uma intolerância vexatória que, longe de atingir apenas o partido democrático, ofende o espírito liberal do povo português, são um dos maus pronunciamentos que justificam plena-

mente a atitude de alerta do proletariado organizado.

A ditadura que, a constituir-se como deseja Gomes da Costa, sabemos será exercida contra o operariado, não pode por êste ser bem recebida. Sigamos, pois, os acontecimentos e vejamos o caminho que elas tomam não permitindo que a pretexto de aniquilarem o partido democrático nos aniquilem a nós.

Alerta, pois!

Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa

Conselho geral

Reúne hoje, pelas 20 horas, para deliberar sobre a atitude a tomar pela Organização Operária local, em face do movimento político-revolucionário em trânsito, sendo indispensável a comparecência de todos os delegados.

No Arsenal de Marinha não se trabalhou hoje

Os operários que trabalham no Arsenal de Marinha sofreram hoje uma grande deceção quando chegaram aquele estabelecimento fabril: em tódas as dependências havia tropas aquarteladas o que impediu que o operariado ocupasse os seus lugares de trabalho.

Por esse motivo os referidos operários tiveram que retirar-se e esperar que o Arsenal seja evacuado pelas tropas.

Tropas do Alemtejo marcham sobre Lisboa para implantar uma ditadura fascista

Uma importante decisão do Comité Revolucionário dos Ferroviários do Sul e Sueste

Informam-nos de fonte segura que as tropas de Vila Viçosa, Extremoz e Evora que, antes da queda do governo, não tinham assumido uma clara atitude de revolta estavam preparadas na madrugada de hoje para marchar sobre Lisboa a fim de impôr ao país uma ditadura militar.

Em face dessa ameaça inesperada, o Comité Revolucionário dos Ferroviários do Sul e Sueste resolveu enviar todos os esforços para evitar que as referidas tropas venham pela linha ferreira.

Conseguido êsse objectivo, as tropas que pretendem marchar sobre Lisboa perderão, além dum grande meio de acção, a rapidez da sua marcha que seria a melhor e a mais valiosa das suas probabilidades de êxito.

UNIÃO ANARQUISTA PORTUGUESA

Para assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pelas 19 horas, todos os anarquistas de Lisboa, na sede da U. A. P.

Para os assuntos de extrema gravidade, convidam-se a reunir hoje, pel

OS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Entre os militares verificam-se duas correntes diversas: uma intolerante e facciosa, outra mais liberal e transigente com o espírito popular

UMA NOMEAÇÃO ABSURDA

O sr. Amaral, que serviu António Maria contra Cabeças, vai servir Cabeças contra António Maria?

Causou uma grande surpresa em toda a cidade a nomeação, embora a título provisório, do sr. Ferreira do Amaral para governador civil de Lisboa. Muita gente se negou a acreditar em tal nomeação, de tal modo era absurda e até atentatória do mais elementar bom senso, deixando em má situação moral o nomeado e os que o nomearam. Não houve, porém, remedio senão renderem-se todos à evidência.

O sr. Ferreira do Amaral foi, antes de tomar posse no lugar de comandante da polícia, um fascista — e um fascista entusiasta — chegado a ter entendimentos com vários admiradores da ditadura italiana para a publicação dumha revista defendendo os criminosos métodos políticos de Mussolini. Para que essa revista saisse chegou a ser adquirida uma tipografia.

Quando do 18 de Abril, esperava toda a gente que o sr. Ferreira do Amaral, coherente com as suas ideias fascistas, iria para funda bater-se ao lado dos revoltosos,

os companheiros de armas e seus correligionários de ideias. Tal não fez, tendo-s'antes calado à disposição dum dos mais democráticos, dum dos mais demagógicamente democráticos governos saídos do P. R. P.: o de Vitorino Guimarães. No 19 de Julho o sr. Mendes Cabeças foi vencido — e ao lado dos vencedores aparece, servindo-nos na medida das determinações que lhe deram, o sr. Ferreira do Amaral.

Agora dum movimento em que sai vencedor o sr. Mendes Cabeças aparece, nomeado governador civil, o sr. Ferreira do Amaral! Se o sr. António Maria da Silva tivesse triunfado o sr. Amaral estaria servindo-o, embora, como na malograda revolta do 19 de Julho, o sr. Mendes Cabeças entrasse vencido num presídio militar.

Quer maior absurdo?

Há mais. A política de António Maria da Silva, política de força, de violência iniqua, desumana, política de crime e de ódio, encontrou na polícia uma encarnação torpe, uma servidão absoluta. António Maria foi essencialmente brutal e ilegal, arbitrário e perseguidor. E a polícia comandada pelo sr. Ferreira do Amaral foi a imagem e semelhança do destruído chefe do governo. Caido o presidente do ministério o sr. Amaral devia considerar-se atingido pela revolução e colocado na obrigação moral de recolher a penas. Afinal António Maria rola vencido e o sr. Amaral ascende a governador civil.

Dizemos que esta nomeação, filha dum precipitação e duma irreflexão deploráveis e inexplicáveis nestes momentos excepcionais, não se manterá. Assim acreditamos. Não se compreenderia que António Maria da Silva depois de derrubado ainda continuasse no governo civil, dispondo do mais alto cargo civil de Lisboa.

Foram soltos os revolucionários radicais de Almada

Informam-nos que os elementos radicais que tomaram parte na revolta de Almada e que se encontravam presos nos Açores foram postos em liberdade.

Os radicais de Lisboa, regosados com o facto, vão reunir-se hoje, às 18 horas, na sede do *Liberdade*, avenida Elias Garcia, para resolverem sobre a forma de prestar aos seus correligionários soltos a devida homenagem.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalmo ilustrado a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

o seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45000.

Encadernação (por capas e índice), 2000.

Capas e índice em separado, 1500.

Pedidos de coleções, ou envio destas tra-p encadernação, à administração de A Batalha.

aré uma situação legal, ou será implantada o vontade despotica dum general. Tendo-se em tributo uma odiosa ditadura, teremos abraçar-se sórte nôs uma ditadura odiosa. Só a diferença verificar-se-há na opressão. Contra vai ser exercida sobre uma população ia a interesses e ambições de políticos militares e civis.

Um manifesto da União Anarquista Portuguesa

O comité nacional da União Anarquista Portuguesa fez ontem distribuir um vibrante manifesto do qual extraímos os seguintes períodos:

«Perante o actual triunfo militar não podemos, nós anarquistas, deixar de vir exteriorizar bem publicamente e desde já o nosso pensamento indignado. O povo português acaba de assistir por todas as terras do país à eclosão dum movimento que vem de ser alimento carinhosamente por todos os políticos, por todos os exploradores, por quanto é para todos eles a satisfação da garantia das suas iniquidades sobre os sofrimentos de todo um povo.

Para fazer a sua revolução, como preâmbulo da qual dizem que «a única força organizada capaz de dirigir o País» é a organização militar, os revolucionários burgueses e militaristas veem especulando ignobilmente com os sentimentos liberais da massa popular. Nós somos contra todos os governos, porque entendemos que representam todos uma casta opressora, a casta capitalista, autoritária, que é, sem distinção de credos políticos ou religiosos, sempre a mesma vibra sedenta de sangue dos produtores, explodidos e oprimidos.

Por isso compreendemos, e desejamos que o povo compreenda, que a substituição desse criminoso político António Maria da Silva, porta-voz dumha ditadura civil, por um governo militar como o que ora vem de ser proclamado por todas as vozes da Realidade, não representa nem pode representar nenhuma salvação para o Povo, para a massa trabalhadora.

A Ditadura Militar está lançada. Negros dias estão marcados para o povo que vai principiar a provar os frutos venenosos do Fascismo ora iniciado. O povo não deve deixar-se levar pelas falsas informações da imprensa burguesa e dos políticos desonestos e trapaceiros.

Dum lado estão colocados numa singular concordância todos os políticos, desde os mais radicais aos mais conservadores. E então teremos em breve realizado o sonho de todos eles: a pena de morte, a imprensa livre amordaçada, as associações encerradas, as prisões em massa e as deportações por sistema. Poderão de princípio acenar ao povo com reformas enganadoras.

Perante a espada, perante o rincão militarismo, desonra da nossa época, da verdadeira civilização, não pode partir do lado do proletariado, do lado dos verdadeiros revolucionários, outra atitude que não seja de absoluta transigência, de completa hostilidade, até à luta sem quartel contra a burguesia autoritária-capitalista.

O proletariado não pode esperar do militarismo alçado ao Poder, e representando apenas a salvação do Estado burguês comprometido, desacreditado, pela ação desse político reles, bêbedo e jogador incorrigível que se chama António Maria da Silva.

Serviço de livraria de A BATALHA

FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja	\$100
Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura	\$50
José Prat — A burguesia e o proletariado	\$50
A necessidade da Associação	\$50
Content — Contra o confusionalismo	\$50
Alfredo Neves Dias — Razão (poema social)	\$50
Landauer — Social Democracy	\$30
R. Mota — O princípio do fim	\$30
*** A maçonaria e o proletariado	\$30
I. Most — Peste religiosa	\$50
Rio	
J. Trovats da noite	
Definições sociais	
O Cavador (teatral)	
Horas anárquicas (versos)	
Cartei de Pensamento	
I. Bakunine — No sentido em que somos anarquistas	
Chueca — Como não ser anarquista	
B. Lazare — A Liberdade	
I. Etrevant — A minha defesa	
Kropotkin	
A mocidade	
Os bastidores da guerra	
Moral anárquica	
O espírito revolucionário	
I. Guedes — Lei dos Salários	
Briand — A greve geral	
Roland — Russia Nova	
O sindicalismo e os intelectuais	
D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário	
A. Hamon — A crise dos socialismos	
J. Santos — A transformação da sociedade	
Nuno Vasco	
Georgicas	
Greve de inquilinos, teatro	
Domela — Pátria e Humanidade	
Proletariado Histórico	
G. Archinoet — A Revolução e o Sindicato	
Charles Rates — Aditadura do proletariado	
Emilio Chapelier — Porque não creio em Deus	
N. Lenine — A luta pelo pão	
Rodolfo Rocker — Os sindicalismos revolto e a organização operária	
Trostky — Constituição política da República dos Soviéticos	
G. Williams — O Congresso da Internacional Sindical Vermeia	
C. de G. O. N. M. — Procriação consciente	
José Torralva — La Revolución	
Lélio O. Zino — Problemas universitários	
La Revista Blanca — Arte, Ciência e Literatura	

Nuno Vasco	\$50
Georgicas	\$30
Greve de inquilinos, teatro	\$1500
Domela — Pátria e Humanidade	\$30
Proletariado Histórico	\$1500
G. Archinoet — A Revolução e o Sindicato	\$50
Charles Rates — Aditadura do proletariado	\$50
Emilio Chapelier — Porque não creio em Deus	\$50
N. Lenine — A luta pelo pão	\$50
Rodolfo Rocker — Os sindicalismos revolto e a organização operária	\$50
Trostky — Constituição política da República dos Soviéticos	\$50
G. Williams — O Congresso da Internacional Sindical Vermeia	\$50
C. de G. O. N. M. — Procriação consciente	\$50
José Torralva — La Revolución	\$50
Lélio O. Zino — Problemas universitários	\$50
La Revista Blanca — Arte, Ciência e Literatura	\$50

Nuno Vasco	\$50
Georgicas	\$30
Greve de inquilinos, teatro	\$1500
Domela — Pátria e Humanidade	\$30
Proletariado Histórico	\$1500
G. Archinoet — A Revolução e o Sindicato	\$50
Charles Rates — Aditadura do proletariado	\$50
Emilio Chapelier — Porque não creio em Deus	\$50
N. Lenine — A luta pelo pão	\$50
Rodolfo Rocker — Os sindicalismos revolto e a organização operária	\$50
Trostky — Constituição política da República dos Soviéticos	\$50
G. Williams — O Congresso da Internacional Sindical Vermeia	\$50
C. de G. O. N. M. — Procriação consciente	\$50
José Torralva — La Revolución	\$50
Lélio O. Zino — Problemas universitários	\$50
La Revista Blanca — Arte, Ciência e Literatura	\$50

Nuno Vasco	\$50
Georgicas	\$30
Greve de inquilinos, teatro	\$1500
Domela — Pátria e Humanidade	\$30
Proletariado Histórico	\$1500
G. Archinoet — A Revolução e o Sindicato	\$50
Charles Rates — Aditadura do proletariado	\$50
Emilio Chapelier — Porque não creio em Deus	\$50
N. Lenine — A luta pelo pão	\$50
Rodolfo Rocker — Os sindicalismos revolto e a organização operária	\$50
Trostky — Constituição política da República dos Soviéticos	\$50
G. Williams — O Congresso da Internacional Sindical Vermeia	\$50
C. de G. O. N. M. — Procriação consciente	\$50
José Torralva — La Revolución	\$50
Lélio O. Zino — Problemas universitários	\$50
La Revista Blanca — Arte, Ciência e Literatura	\$50

Uma significativa carta do comandante Procópio de Freitas

Ao presidente da República foi enviada pelo comandante das forças, do mar. sr. Procópio de Freitas a carta que a seguir nos permitimos transcrever:

Senhor Presidente da República:
Entendo que era meu dever intervir nos acontecimentos, quando assumiam tal gravidade que a segurança da República e o futuro do País poderiam ser por eles comprometidos.

Fui investido pelas circunstâncias no comando das Forças de Mar. Exerci esse comando em nome da Junta Revolucionária, empissado pelo «Comitê».

Neste momento me procura o comandante José Mendes Cabeças Júnior, participando-me que foi encarregado por Vossa Exceléncia de presidir ao novo ministério. Pela confiança que deposito no comandante Cabeças imediatamente dou por finda a minha missão, abandonando por isso o Ministério da Marinha, que ocupara e onde me conservei até esta hora.

Não quero fazer, porém, sem significar ao Presidente da República, como comandante das Forças de Mar, que a Marinha de Guerra Portuguesa não aceitará a formação dum Governo Militar, e que só a constituição dum Governo Nacional que Vossa Exceléncia sancione dará satisfação aos seus votos. O Exército de Terra e Mar não pode ter recorrido às armas se não para estabelecer a normalidade alterada pelo predominio oligárquico dum partido e para assegurar o prestígio das Instituições pela moralidade do governo e pela regularidade da vida parlamentar. Substituir uma oligarquia política por uma oligarquia militar não será substituição vanjosa para a nação. E só a esta e à República servirá a Marinha de Guerra Portuguesa.

Acetei, Senhor Presidente, os meus sinceros votos pelas prosperidades da Pátria e pela saúde de Vossa Exceléncia.

Lisboa, 16 horas do dia 30 de maio de 1926.

(a) César Procópio de Freitas
Comandante das Forças de Mar.

A atitude da Seara Nova

O grupo da Seara Nova fez distribuir uma comunicação, que termina do seguinte modo:

«Como afirmação de princípios, a Seara Nova» declara;

Que apoia um governo excepcional com liberdade de expressão, composto de competências o qual tenha por objectivo realizar as reformas essenciais, estabelecer a moralidade administrativa e fazer uma obra de educação cívica, a fim de preparar a possibilidade de um insólito regime de instituições democráticas, adaptadas às necessidades do nosso tempo;

Que reprovaram um governo com tendências a firmar um regime anti-liberal e o predominio dumha classe, e a não respeitar a liberdade de consciência sob todas as suas formas».

Ouvindo o sr. dr. José Domingues dos Santos